

REGENCIA

1232

RUBEM BRAGA

Regencia, na beira Sul da foz do rio Doce... Daqui para cima todo o vale se agita numa febre de progresso; motores novos pulsam no rio, a estrovena limpa o mato, o machado abate os troncos, o cacau se alastra, as serrarias guincham, os colonos requerem terras, a ferrovia se renova, os minerios são arrancados da terra, os americanos fazem contratos, os baianos chegam avidos de dinheiro.

Mas Regencia dormita. Ali mesmo do outro lado, a menos de meia legua rio acima, um lugar que só tem o nome de Povoação está crescendo; já se mudou para lá o juiz distrital, já lá se foi o registro civil; lá se fundam fazendas, lá se abrem casas, lá se ganha dinheiro depressa. Regencia limita-se a preparar o Carnaval — e toda se divide na luta entre o Sorriso da Mocidade e o Valete de Ouro. E nesse lugar antigo as casas são todas relativamente novas e feias; a igreja é de um mediocre estilo comercial. Isso me espanta; não ficou nada da antiga barra do rio Doce, da nobre Regencia Augusta patria do caboclo Bernardo?

Pergunto onde morava o caboclo Bernardo. Dizem-me que era perto da igreja, ali... onde está aquela comprida canoa de peroba. A velha Regencia o rio comeu, lambendo de vagar uns 250 metros de barranco onde estava a povoação toda... "Aqui onde nós estamos — explica-me um caboclo velho — aqui a onça vinha pegar bode."

No extremo ocidental da aldeia há cinco coqueiros; um deles já pende sobre as aguas, que lhe lambe a terra sob as raizes. O baixo rio Doce fica de ano para ano mais largo e mais raso.

Estico-me debaixo de uma arvore, no capim, à beira rio. Esse matinho ralo aqui perto me é familiar: vassoura, guaxima, assapeixe. E a casa de pensão tem um jardim desordenado e ingenuo, de acacias, amor de homem, cravo de defunto e cravo de cachorro. E no meio de tudo um pé de aipim, com seu caule de um violeta escuro, os ramos um pouco mais claros, as folhas de um verde que vai da roseira até o roxeado, com uma delicadeza de veias tenues que fazem esse arbusto delicado e flexível lembrar certas morenas finas em que o azul das veias sob a pele tem um leve tom violaceo.

Ando pela beira do rio e recolho essa semente não sei de que, a que chamavamos olho de boi; lembro-me de que às vezes a gente a esfregava numa pedra e quando estava bem quente a encostava na perna de outro menino.

Um caboclinho está pescando e lhe peço a iba, que aqui se chama, bem mais explicado, pindaiba. Sinto um peixe que não belisca, mas puxa mansamente o anzol, e sussurro para o menino um nome de que não me lembrava mais desde a infancia: "acho que é moreia..." Um puxão mais longo, e a moreia vem no anzol. Essa pequena vitoria me enche de uma secreta delicia; então esses inumeraveis anos de bater à maquina, de fazer tanto gesto mecanico no exilio urbano não me tiraram essa sensibilidade de menino que ainda reconhece a moreia e sabe o instante exato de puxá-la. Aqui o lambari de São Paulo e Minas se chama, como no Itapemirim, piaba; aqui reencontro meus peixes, minhas palavras no seu sentido antigo, uma vida de beira rio que afinal nem de todo se perdeu.

Quando anoitece ainda ando pela margem. Vejo então uma caboclinha de seis ou sete anos que parece muito ocupada. Está sozinha naquela boca da noite; apanha agua no rio com uma latinha, atravessa um pequeno trecho de areia, senta-se no capim e lava os pés. Depois volta a pisar na areia, sujando outra vez os pés, apanha agua, volta para o capim. Faz isso muito seria, tirando um gozo infinito desse brinquedo ingenuo e pateta. Fico a olhá-la em silencio, e ela não me vê, toda entregue ao seu trabalho singular. Seu vulto escurinho de india, com os cabelos muito pretos e lisos caindo pelas costas, se move na penumbra da beira-rio.

Chamo-a. Leva um susto e depois, a qualquer tolice que lhe digo, ri muito seu risinhó de dentes agudos e miudos. Dou-lhe uma prata, fico sabendo que se chama Zezita. Sai correndo, abaixa-se mais adiante, apanha alguma coisa e traz para mim. E' o seu tesouro daquele dia que deixara ali: um camarãozinho pegado a mão, e ainda vivo, duas vagens de ingá maduro.

Aceito um ingá. Sento-me ao seu lado no capim, diante do grande rio que desce com um vago murmuro; ficamos em silencio, na noitinha, olhando o rio, cuspidos o caroco preto de

18-2-49

11 O Homem Rouco 4

63